

# FOME ECLESIAÍSTICA E JEJUM: O QUE CANUDOS TEM EM COMUM COM OS SEMINÁRIOS CATÓLICOS MINEIROS DO SÉCULO XIX

## ECLESIASTICAL HUNGER AND FASTING: WHAT CANUDOS HAVE IN COMMON WITH THE CATHOLIC SEMINARIES OF MINAS GERAIS OF THE 19TH CENTURY

Cleize Silveira Cunha<sup>1</sup>  
João Ozório Rodrigues Neto<sup>2</sup>  
Carlos Alberto Bastos de Maria<sup>3</sup>

### Resumo

Em dois eventos marcantes do final do século XIX: a guerra de Canudos e o surto de beribéri nos Colégios Católicos Mineiros, a presença da fome e de seu espectro clínico das hipovitaminoses foram um traço comum. A investigação histórica dos fatos, levada a efeito por este trabalho, produziu um resultado inesperado: a presença do jejum mediado pela crença católica reinante no Brasil, neste século, difundido pelos missionários lazaristas vicentinos como forma de salvação das almas pecadoras.

**Palavras-chave:** História. Fome. Hipovitaminoses.

### Abstract

*In two remarkable events at the end of the nineteenth century: the Canudos War and the outbreak of beriberi in the Catholic Schools of Minas Gerais, the presence of the starvation and its clinical spectrum of hypovitaminosis were a common feature. The historical investigation of these events produced an unexpected result: the presence of the fasting mediated by the Catholic belief, in Brazil in this century, spreaded by the Vincentian Lazarist missionaries as a way of salvation for the sinfull souls.*

**Key words:** History. Hunger. Hypovitaminosis.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> UNIPTAN. Mestre em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente – UniFOA. E-mail: cunhacleize@gmail.com.

<sup>2</sup> UNIPTAN. Mestre em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente – UniFOA.

<sup>3</sup> Doutor em Ciências, Instituto de Química da UFRJ.

Chama-se fome ao desejo objetivo de se alimentar que é mediado por reflexos neuronais, cujo efeito, são contrações dolorosas do estômago, indicando ao animal, que é hora de comer. A definição de “fome crônica” está relacionada a uma ingestão de alimentos insuficiente em qualidade e/ou em quantidade, necessária para um equilíbrio homeostático desejável. Este equilíbrio dietético prevê que as proporções dos nutrientes que o indivíduo recebe diariamente, sejam assim divididas: 16% da sua energia é obtida a partir de proteínas, 34% a partir de gorduras e 50% a partir de carboidratos. Jejum é o termo empregado para definir a cessação de ingestão alimentar, seja por vontade própria ou secundária a eventos aleatórios, relacionados ao ambiente, como guerras, secas, migrações etc. Seus efeitos homeostáticos se iniciam em torno de seis horas após a cessação da ingestão de alimentos (MAHAN, 2013; FAO, 2015; GUYTON, 2017).

Para Josué de Castro (1956, p. 21-22), a fome e, por consequência, todo o espectro de sua apresentação clínica, incluídas aí, as hipovitaminoses: “não são um fenômeno natural (...), e sim, um produto da criação humana, assim, ela só pode ser eliminada pelo próprio homem”.

A fome crônica – um fenômeno não natural – estava presente em dois notáveis eventos da segunda metade do século XIX: o surto de beribéri (deficiência de vitamina B1) nos colégios católicos de Minas Gerais de 1858 até 1911 e na Guerra de Canudos, de 1894 até 1898. Com frequência notava-se a associação da fome crônica com as hipovitaminoses – hemeralopia ou deficiência de vitamina A e beribéri ou deficiência de vitamina B1 – e a tuberculose (CASTRO, 1956, p. 23). Embora tenha havido um cerco, inclusive de fornecimento de alimentos, perpetrado pelo Exército Brasileiro ao Arraial de Canudos durante a guerra, especialmente na última campanha, os eventos descritos neste trabalho dizem respeito ao período anterior, desvinculando a fome crônica no Arraial das ações militares de guerra.

A hemeralopia, um dos estigmas da fome crônica, presente no semiárido baiano, onde se inseria o arraial de Canudos apresentava já de muito tempo surtos sazonais de acordo com o ritmo de chuvas do local. Euclides da Cunha (1997, p. 152), com sua linguagem rebuscada e sua descrição minuciosa, quase poética, relata:

O sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo dos neurastênicos do litoral [...], porém, uma doença extravagante completa a sua desdita - a Hemeralopia. Mal o sol se esconde no poente, a vítima está cega. A noite afoga-o (...) e na manhã seguinte, a vista extinta lhe revive.

Períodos muito secos no Nordeste, como o de 1877, levaram à escassez do alimento e, com ela, surgiram as hipovitaminoses, relatadas em muitas descrições perfeitas como esta última, onde a vida humana, de forma teimosa, insistia em prosseguir, a despeito das adversidades. Nesse cenário climático desolador, típico do semiárido nordestino, a fome e seus estigmas apareciam, de forma ora mais contundente, ora menos, dependentes do período chuvoso no sertão.

A situação climática da região mineira dos Campos das Vertentes, onde se inseriam os colégios de Mariana e o do Caraça, era diferente. Seu clima era ameno, com marcada estação de chuvas e inverno rigoroso no Caraça, devido a altitude (1450 m acima do nível do mar). Nos colégios estudavam alunos de boas condições econômicas, oriundos, na maioria, das cidades da província de Minas Gerais, sendo que vários deles se tornariam expoentes em suas áreas de atuação: escritores, economistas e até presidentes da república (CARRATO, 1963; LOPES FILHO, 1998).

Em dois cenários climáticos tão diferentes, com personagens de categorias sociais tão diversas, qual seria a ligação que na análise mais detida levaria a uma origem comum de tanta morbidade relacionada aos padecimentos da fome? A influência do catecismo lazarista no pensamento do Conselheiro e aquele mesmo catecismo, ensinado nos Colégios Católicos Mineiros, pela mesma ordem religiosa lazarista, teria influência na causa das doenças da fome?

Este trabalho de investigação histórica tentará responder primordialmente a estas questões.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de pesquisa bibliográfica com base em estudo de textos, documentos, pesquisas acadêmicas e de obras literárias, importantes para a ambientação histórica da época: última metade do século XIX e a primeira década do século XX. De acordo com a lei 12.527 de 18 de novembro de 2011, que trata sobre o acesso a informação de documentos que se encontram em domínio público e a não utilização de pesquisa em seres humanos, não há necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

## **A FOME EM CANUDOS**

A partir da análise destas descrições, como a de Euclides da Cunha em 1997, é possível a qualquer pessoa inferir que o Arraial de Canudos, situado na margem esquerda do Rio Vaza Barris, no semiárido baiano, vivia na escassez de alimentos e na vizinhança de um rio seco. Porém, não foi este cenário que os frades capuchinhos: João Evangelista do Monte Marciano e Caetano de Léu encontraram no povoado, quando lá chegaram, em 13 de maio de 1895. Eles foram enviados para pacificar as mentes e fazer o Conselheiro retornar à razão. Sua ida ao Arraial foi consequência de um acordo entre o governador da província e o prelado da arquidiocese. Na chegada eles descrevem plantações de milho e cabras pastando na entrada do povoado. Descrevem que “as toscas casinhas feitas de barro, cobertas com palha, com

porta e sem janelas, cujo interior é imundo, de onde brotam criaturas esquálidas, seminuas, padecendo de todos os males” (MILTON, 2003, p. 25-28).

Mais à frente, esse mesmo autor, ao descrever uma das investidas do exército, para a tomada do Arraial, relata o cerco imposto pelos jagunços do Conselheiro, aos soldados que, sedentos correm para o rio na tentativa frustrada de beber água. Pode-se perceber com esses relatos que existe o que comer e o que beber. Portanto, não se esperaria encontrar uma multidão “de infelizes deixados depois para morrer, dizimados pelas moléstias, à míngua de recursos, até mesmo de pão (...). Quem é o responsável pela morte de tantos velhos, mulheres e crianças que diariamente perecem na extrema penúria e abandono?” (MILTON, 2003, p. 31).

Mário Vargas Llosa (2008) nos conta a respeito da comida do séquito do Conselheiro: “(...) nunca tiveram preocupação com o alimento (...), eram frugais e recebiam dádivas (...), os humildes corriam a levar ao Conselheiro uma galinha, um saco de milho, queijos recém-feitos, leite fresco, às vezes um cabrito (...)” (MILTON, 2003, p. 20).

Em outro trecho, ele informa que os homens acendiam as fogueiras e as mulheres preparavam a comida: angu, mandioca doce e abóbora (MILTON, 2003, p. 20).

Se há alimento e os habitantes são tão frugais porque tantas mortes em tão deploráveis condições?

Dois anos antes, em maio de 1893, logo após o primeiro embate com a polícia baiana, em Masseté, o Conselheiro reuniu seu séquito de fiéis e anunciou que: “(...) seus seguidores não viviam só do milho e do bode, mas decisivamente de toda a palavra saída da boca de Deus. Esta, sim, salvará os penitentes no dia do Juízo Final (...). O anticristo é chegado (...), mas meu povo é valente (...). Jejuai, que estamos no fim dos tempos” (VASCONCELOS, 2017, p. 83).

Portanto, a chegada da Polícia, na tentativa de pôr fim às agitações antirrepublicanas no sertão, afrontando as orientações do “santo” Conselheiro, impôs à massa de desvalidos, uma provação ainda mais grave, identificada pelos frades capuchinhos, dois anos mais tarde, o jejum.

A visita deles a Canudos dá uma pista que pode esclarecer e confirmar peremptoriamente a origem da fome em Canudos. Os frades capuchinhos pregam aos fiéis para tentar estimulá-los a comer, desfazendo-se dos graves estigmas da fome que trazem em seus rostos, o que tanto impressionaram negativamente estes sacerdotes. Eles foram encarregados pela Santa Sé de restabelecer os dogmas da Igreja Romana, incutindo nos fiéis a rejeição às inovações da fé. Eles pregam dirigindo-se aos conselheiristas: “(...) disse a eles que é possível fazer jejum durante o dia e à noite comer um pouco de carne, ou tomar uma chávena de café pela manhã” (VASCONCELOS, 2017, p. 30).

E prosseguem relatando a reação do Conselheiro a esta prédica aos fiéis: “(...) nesse momento ele torceu o lábio e abanou a cabeça em sinal de reprovação (...) e todos gritaram: isto não é jejum, é comer de fartar” (MILTON, 2003, p. 30).

## O CONSELHEIRO E O ARRAIAL DE CANUDOS

Antônio Mendes Maciel, o Conselheiro, era um beato cearense, eterno peregrino que perambulava pelos sertões da Bahia e do Sergipe havia muitos anos. Esteve preso era órfão de pai e mãe, foi criado pelo Caolho bêbado e traído pela mulher. Refugiou-se na igreja como forma de esperança para abrandar sua vida miserável.

Aos 14 anos já ajudava a missa de Dom Casimiro e do padre Moraes, dois membros dos Lazaristas das Missões no Nordeste. Aprendeu latim e leu trabalhos de teólogos como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Hugo, Cornelius e Ligório; elegeu a frugalidade da alimentação e o martírio pessoal, com o uso de um cilício- arame que o fustigava continuamente a cintura e que ele apertava de vez em quando como forma de penitência e de alcançar a proximidade com Deus (VARGAS LLOSA, 2008 p. 132; VASCONCELOS, 2017).

O Conselheiro foi desiludido da vida sacerdotal pelo padre Moraes, por não ser filho natural e, portanto, não ser reconhecido como pessoa pela Igreja. De acordo com Carrato (1963), o inciso 3 das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, regra que discorria sobre a ordenação de sacerdotes dizia: “pode ser ordenado sacerdote se é filho de legítimo matrimônio”.

Ele então decidiu pelo caminho santo da peregrinação, levando conforto e ensinamentos divinos ao povo sofrido do sertão.

Para Euclides da Cunha (1997), “[...] a palavra do Conselheiro é bárbara e arrepiadora, confusa e desconexa (...)”.

De acordo com Galvão e Peres (2002) e com Vasconcelos (2017), se Euclides tivesse entrado em contato com os escritos do Conselheiro, teria mudado de opinião. Todos estão de acordo com os ensinamentos da Igreja e baseados em livros de teologia, como os Exercícios Espirituais, as Horas Marianas e a Missão Abreviada, aceitos e utilizados por todos os religiosos, durante o século XIX.

Cansado de uma vida sem paradeiro e apossado pelo enfrentamento com a polícia baiana, resolveu estabelecer-se entre os municípios de Uauá e Jeremoabo, no sertão baiano, no lugar conhecido como Canudos.

Seus mentores espirituais, os padres Lazaristas das Missões, chegaram ao Brasil vindos de Portugal na primeira metade do século XIX (1820). Sua ordem está relacionada a São Vicente de Paulo, um sacerdote francês, cuja Igreja se estabeleceu em *Saint Lazare*, em Paris,

no século XVII – daí o termo lazaristas ou vicentinos. Seus fundamentos de vida eclesiástica eram: pobreza, castidade, humildade, fé e caridade. Seu exemplo de vida maior era o de Jesus Cristo, portanto, todo sacerdote lazarista missionário deve se espelhar na vida do Cristo e, na medida do possível, tentar copiá-la. Copiar o Cristo é uma expressão de amor por Ele. A Santa Sé já havia manifestado preocupação com a situação caótica da Igreja Católica no Brasil, externando suas ressalvas ao Rei Dom João VI e, depois, com a partida deste para Portugal, ao seu filho, D. Pedro I. Os lazaristas tinham uma missão precípua de fundar Seminários Católicos para a formação do clero secular que restabeleceria a autoridade e a norma da Igreja Católica publicada no Concílio de Trento. Além disso, ensinavam a catequese, rezavam missa e dirigiam os fiéis para as práticas religiosas católicas (CARRATO, 1963; COSTE, 2017).

## **A FOME E OS SEMINÁRIOS CATÓLICOS**

Nos Seminários Católicos fundados pelos lazaristas – Mariana, Caraça e Diamantina – no Estado de Minas Gerais, apareceu uma manifestação da fome crônica: um surto de beribéri que durou de 1858 até 1911. Os médicos envolvidos na investigação do surto, entre eles o diamantinense João Felício dos Santos, não conseguiram identificar a causa. A hipótese mais provável na época foi a de doença infecciosa. A doença parecia seletiva ao acometer somente, de forma mais contundente, alguns alunos do Seminário do Caraça, em 1862; e outros tantos alunos do seminário de Diamantina em 1871. Nenhum religioso foi acometido pela doença. Outro fato curioso retirado da investigação médica é aquele dos doentes melhorarem dos sintomas, quando retornavam para suas casas e a doença desaparecer por completo no mês de agosto. Alguns alunos simulavam a doença para serem enviados para fora do seminário (LOPES FILHO, 1998, p. 342; MAGALHÃES, 2014).

Pode-se inferir a princípio que poderia haver problemas com a qualidade e a quantidade da alimentação servida nestes colégios. Assim, o depoimento de ex-alunos é fundamental para esclarecer este fato.

A respeito da comida no Seminário do Caraça a descrição de José Ferreira Carrato, 1963, p. 110, diz:

(...) os pratos mais frequentes eram à base de farinha de milho, carne seca e principalmente carne de porco e toucinho – o trelelê – arroz temperado com toucinho, objeto de apreço e recordação de ex-alunos famosos, como os Presidentes da República: Afonso Pena e Arthur Bernardes. (...) cará, mandioca, couve, agrião, chicória, palmitos, abóboras, batata doce (...) e muitas frutas frescas do pomar do seminário.

Para José Lourenço de Oliveira (1987, p. 62) havia várias refeições por dia e descreve até programações de uma espécie de piquenique, chamado por ele de “bodegas”. A

alimentação era farta e variada, com citação de distribuição, inclusive de vinho aos participantes do evento.

De acordo com Lopes Filho (1998, p. 214), em 1880, em sua tese de conclusão do curso médico na Escola Médica do Rio de Janeiro, o médico David Ottoni, filho de um senador da república pela província de Minas Gerais, declara, sobre a alimentação dos alunos no colégio de Diamantina, onde ele havia estudado: “a alimentação era de má qualidade, insuficiente, com pouca carne. (...) fazia-se uso de uma massa de fubá de milho, chamada cuscuz (...)”.

O mesmo Lopes Filho (1998, p. 285), contrariando a percepção de Ottoni, além de descrever uma alimentação farta e variada nos colégios, fez um cálculo estatístico, utilizando alguns cardápios básicos, definidos como alimentos encontráveis nos colégios de acordo com os relatos de ex-alunos, da percentagem diária do teor de vitamina B1: ela variou de 51 a 58%, insuficiente para causar o surto de beribéri.

Portanto, é necessária a presença de outro agente desencadeador da doença. Todos os ex-alunos escritores são unânimes em definir a rotina do educandário, como duríssima: despertar às 5 horas e dormir às 21 e 30 horas, após um dia de atividades incessantes. Para José Lourenço de Oliveira (1987, p. 52): “(...) a pedagogia cristã é maquiavélica, admite o mal como coisa própria do homem. (...) corrigi-lo com bons hábitos repetidos incessantemente através do automatismo e do estar consigo mesmo visa à libertação do espírito (...)”. Para ele, o internato se traduz em: rezar, comer, dormir, brincar, estudar, assistir aulas e ir ao recreio e principalmente estar e andar na “forma”. A “forma” pode incluir inclusive castigos físicos, como ficar de joelhos ao errar a tabuada. Em seu depoimento ele diz que: dos 36 alunos que começaram o primeiro ano, na sua turma, apenas cinco estavam presentes no sexto ano. A maioria deixou espontaneamente o colégio devido à rotina cartesiana.

João da Matta Machado (1875, p. 8) diz a respeito da educação dos colégios lazaristas:

“Nos colégios regidos pelos lazaristas, um sistema complicado de leituras e exercícios espirituais, jejuns e confissões obrigatórias, sermões, bênçãos, novenas, via sacra, constituem toda a educação moral. O medo das penas eternas e o temor de ofender a um Deus, mais tirano que o próprio pai, ou então a ambição de gozar das delícias do céu, são os meios de que se servem para calar nos ânimos juvenis, a necessidade de práticas religiosas. Para que o espírito possa lutar vitoriosamente contra as tentações da carne é necessário que as forças físicas não predominem; que não se façam concessões à besta. (...) Práticas ainda mais funestas completam o mecanismo de educação clerical: a espionagem mútua, fazendo germinar nos corações juvenis, a desconfiança e a hipocrisia; o desprezo total pela influência salutar da família, na educação dos meninos, com passeios à casa paterna proibidos; só se permitindo aos pais, visitas rápidas no parlatório comum, sob supervisão do congregado; a proibição da leitura de jornais ou livros, que não sejam sobre matéria de religião”.

## A CATEQUESE E A FOME

A presença dos sacerdotes lazaristas no sertão baiano e em Minas Gerais traz outro elemento comum. Para difundir a “maquiavélica pedagogia cristã”, citada anteriormente, o uso de livros era necessário para instrução dos alunos.

Sobre as missões lazaristas em Itabira, sua cidade natal, Carlos Drummond de Andrade (2012, p. 10) diz: “(...) a ideia das missões não era particularmente festiva (...) eram estrangeiros, de qual país mesmo, ninguém sabia (...) um deles subia no púlpito e pregava, e pregava (...) os horrores do inferno, a miséria da alma em pecado mortal, (...) a doçura de sofrer e de ser humilhado”.

Após a morte do Conselheiro em 1898, foram encontrados entre os seus pertences, livros muito comuns nos colégios lazaristas, que serviam de estudo para seus alunos: O Lunário Perpétuo, As Horas Marianas, A Missão Abreviada, Os Exercícios Espirituais (BRANDÃO DA SILVA, 1950; GALVÃO e PERES, 2002; VASCONCELOS, 2017).

Nos Exercícios Espirituais, o padre Manuel Bernardes (1686, p. 186) diz:

“Oh, que altas e magníficas são as obras do Senhor (...) e que coisa era o meu jejum, comparado à fartura da Sua mesa? (...) a minha clausura, comparada aos espaços do Empíreo (...) que fiz eu em afligir meu corpo com algumas mortificações, se receberia em troca uma vida imortal e impassível (...) homens, aprendei o valor das penitências”. Em outro trecho do mesmo livro, se encontra um discurso, a respeito das penitências, que os fiéis devem se submeter: “pela fé da Igreja santa, vos rogo, meus irmãos, não tenhais pejo ou peso de pegar os remédios para a vossa salvação: compunção e arrependimento saudável, castigar o corpo com o cilício, crueza, jejum e pranto, associados a muitas orações”.

Nas *Horas Marianas*, um livro de orações consagrado à Virgem Maria, o autor padre Francisco Sarmiento (p. 12), já no prólogo exortatório, diz “(...) e fazei à SS. Virgem alguns especiais obséquios: (...) reverenciai os santos (...) jejuai todos os sábados bem como na véspera das festividades anuais”. Coisa curiosa e estranha a respeito deste livro em particular, é uma citação encontrada na página 36: “louvai ao Senhor todas as criaturas da terra, os Dragões e todos os abismos”.

No *Lunário Perpétuo*, 1672, p. 229, um livro espanhol, do século XVII de Gerónimo Cortés, e dedicado a previsões do tempo, agricultura, conselhos de higiene, previsões astrológicas e outros conselhos; embora não tivesse cunho religioso, apresenta uma citação curiosa e esdrúxula sobre a alimentação das pessoas. Como livro mais lido no nordeste brasileiro durante dois séculos, ele pode ter influenciado muitos dos seus leitores a seguir seus ensinamentos: “no dizer universal, as carnes de bode, de coelho e de boi, não são boas para se conservar a saúde (...) são pesadas e capazes de criar os humores melancólicos”.

Talvez o mais enfático e aterrador dos livros para a catequese, seja a Missão Abreviada, do padre português Manuel Couto, de 1859. Trata-se do livro mais editado em Portugal no século XIX, utilizado para a catequese das crianças neste país, inclusive as pastorinhas de

Fátima. Segundo Vasconcelos (2017, p. 77), é impossível ao penitente alcançar o reino dos céus, seguindo os conselhos rígidos encontrados nesta obra. Sobre o jejum, a Missão Abreviada traz um capítulo separado, encontrado no Aditamento, p. 130-134 – Sobre o jejum:

“três são as obras santas e virtuosas: o jejum, a esmola e a oração. (...) ofendemos a Deus com três coisas: o dinheiro, o corpo e a alma; por isso, devemos fazer sacrifícios (...). Portanto, quem ofende a Deus deve jejuar muito, dar muita esmola e rezar muito (...), abstendo-nos das coisas lícitas com o jejum alcançamos o perdão dos ilícitos. (...) o jejum é o palácio de Deus, o arraial de Cristo, o muro do Espírito Santo, a bandeira da fé, o sinal da castidade, o estandarte da santidade. (...) ele purga a alma, eleva os sentidos, gera coração contrito e humilhado. (...) é o freio de nossos apetites e a mortificação de nossas paixões. (...) é o companheiro das orações, é o guarda da saúde e meio efficientíssimo de aplacar a ira de Deus”.

A tentativa dos sacerdotes de “assemelhar-se o mais possível à vida do Cristo” é muito mais antiga do que se possa prever. A obra do beneditino Joannis Gersen (1380-1471, p. 22), *De Imitatione Christi*, traz em um texto poético, uma verdadeira oração, a exortação da vida ascética. No capítulo XVIII desta obra – Os exemplos dos Santos – ele diz: “(...) anime-se! O que é a nossa vida comparada à dos santos? (...) amigos do Cristo (...) que servem ao Senhor Deus na fome, na sede, no frio, no trabalho fatigante; na vigília e no jejum, na oração e nas meditações pias”.

Nem os índios brasileiros escaparam da inculcação do jejum como meio de salvação. O relato do frei capuchinho Yves D’Evreux, em missão no Brasil, informa sobre os depoimentos dos indígenas do Maranhão depois de serem catequizados pelos padres franceses, em 1613: “(...) aos que acreditam em Tupã, irão para o reino dos céus (...). Eles (os frades) não querem moças nem mulheres. (...) há dias que não comem carne, nem mesmo quando lhes seja trazida (...)”. Eles ensinam o jejum aos índios, como forma de atingir a Deus, ao traduzir para o tupinambá os dogmas da Igreja Católica, que representam: “*Iecouacouue Iauion erecoucouue* – o penitente deve jejuar” (EVREUX, 2009, p. 332).

Não só os livros, mas as Regras Eclesiásticas das diferentes ordens religiosas sugerem o jejum aos praticantes da religião católica: observa-se a crueza da pouca alimentação no relato frio da Regra Beneditina, quando São Bento descreve a medida da comida: “portanto dois pratos de cozido bastem para todos os irmãos (...) e uma libra de pão para o dia inteiro (...) de modo que nunca sobrevenha ao monge a indigestão (...) porque nada é tão contrário ao que é Cristão do que a gula (...) devem também abster-se de carnes de quadrúpedes, exceto os muito doentes” (REGRA BENEDITINA, SÉCULO XVI).

A contagem dos irmãos é bastante imprecisa, para que bastem apenas dois pratos de cozido. Observando a descrição heroica dos eventos passados no Mosteiro de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, no início dos oitocentos, contam-se à mesa do almoço, oitenta e oito irmãos (MOSTEIRO DE SANTO ANTÔNIO, 1886).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não restam dúvidas de que a fome acometeu multidões de habitantes do sertão baiano durante os eventos que culminaram com a Guerra de Canudos. O ambiente climático, os cercos militares, associados ao misticismo excessivo, à interpretação truncada e delirante de dogmas retrógrados, levaram ao jejum inadvertido e prolongado e aos terríveis estigmas da fome.

O jejum ou a privação do alimento é uma forma de mortificação que visa à comunhão com Deus, afastando o penitente das tentações mundanas. Ele não provém dos ensinamentos de Deus, mas, sim, da Igreja Católica. Ele deve ser intensificado na Quaresma, como forma de preparação para a Ressurreição do Cristo e deve durar os 40 dias do período após a quarta-feira de cinzas. Quarenta é um número mágico e vem do latim: *quadragésima dies*, número herdado das tradições judaicas e que se encontra presente em várias passagens do Velho e do Novo Testamentos: os 40 dias e 40 noites de jejum de Jesus no deserto; os 40 dias do dilúvio de Noé e depois mais 40 dias para a água baixar; os 40 anos da travessia do deserto após a fuga do Egito etc. Embora haja a repetição deste número mágico, para a Igreja, esta contagem de tempo é imprecisa, e pode significar um tempo muito mais prolongado de jejum (COSTE, 2017).

Assim, o cultivo do jejum, por tempo mal definido, especialmente para pessoas de elevada ignorância, atemorizados por todo tipo de fantasias escatológicas: fim do mundo, juízo final, inferno, anticristo; guiados por um beato ensandecido pelas agruras da vida; ou para seminaristas com as mesmas fantasias, passadas para suas famílias pela tradição eclesiástica católica portuguesa, de acordo com Novais e Mello Souza (2001, p.156-190) e Sérgio Buarque de Holanda (2003, p. 61-88) a mais atrasada, dentre a de todos os povos europeus; por sacerdotes exercendo seu papel evangelizador, contribuiu com o fator de desequilíbrio, em favor da fome e de seus estigmas, em ambos os cenários descritos.

No Seminário do Caraça, o acometimento de alguns alunos e não de todos, por uma doença, até então, de causa desconhecida, a ausência de padres doentes, e a melhora dos sintomas quando do afastamento do seminário, pode levantar a suspeita de que a opção por parte dos alunos mais carolas, por um jejum mais prolongado possa estar implicada. Seu desaparecimento no mês de agosto seria o resultado do distanciamento da Quaresma; período em que o jejum deveria ser intensificado, e que, compreenderia os quarenta dias após a quarta-feira de cinzas. Seria, portanto, da mesma etiologia da “doença em Canudos”, que tanto impressionou os capuchinhos. Podemos chamá-la, dada a sua origem, de Fome Eclesiástica, cujo jejum é incentivado pelos dogmas da Igreja Católica, impostos pelo Concílio de Trento.

Em seu trabalho Lopes Filho (1998; p. 358) questiona: afinal, existiu beribéri no Caraça?

Para propor esta pergunta, ele pondera sobre os poucos conhecimentos médicos sobre a etiologia alimentar da doença, no século XIX, o que poderia confundir os relatos médicos. Embora não haja uma descrição textual, um depoimento contundente, como os encontrados na história de Canudos, podemos responder que houve. Afinal, de acordo com Costa e Silva (2011) “toda narrativa histórica é uma aproximação hipotética de acontecimentos que o autor não viveu”. Podemos assim, sugerir ainda mais: sua causa está intimamente relacionada à interpretação pessoal do aluno, diante das orientações da catequese. Para Amoroso Lima (1983, p. 103-105) a fé católica mineira possui as duas vertentes: o misticismo e o realismo fervoroso. Cabe à mãe, no seio familiar, a educação religiosa dos filhos. De acordo com a sua percepção de vida, morte, céu e inferno, salvação da alma etc., ela influenciava as ações de seus filhos. Assim, diferentes tipos de alunos, com diferentes orientações e interpretações religiosas podem ter diferentes ações quanto aos dogmas da Igreja, produzindo em seus corpos, mortificações relacionadas à fome e ao seu espectro clínico.

## REFERÊNCIAS

- AMOROSO LIMA, A. *Voz de Minas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ANDRADE, C. D. *Contos de Aprendiz*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2012.
- BENTO, S. *Regra Beneditina para satisfação dos irmãos*. Século XVI. Disponível em rbs.org. Acesso em 2017.
- BERNARDES, Pe M.. *Exercícios Espirituais e Meditações da vida Purgativa*. Parte I. Lisboa: Officina Miguel Deslandes, 1686, p. 444-47.
- BRANDÃO DA SILVA, J. C. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos*. Salvador: Tipografia Beneditina; 1950.
- BUARQUE DE HOLANDA, S. *História Geral da Civilização Brasileira: a época colonial 1500-1822*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CARRATO, J. F. *As Minas Gerais e os Primórdios do Caraça*. São Paulo: Nacional; 1963.
- CASTRO, J. *Geografia da Fome: o dilema brasileiro pão ou aço*. São Paulo: Objetiva; 1956.
- CORTÉS, G. *O Non plus ultra do Lunário e Prognóstico Perpétuo: geral e particular para cada reino e província, corrigido segundo o expurgatório da santa inquisição*. Valladolid: Fernando Santarém, 1863. p. 150.
- COSTA e SILVA, A. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- COSTE, P. *Saint Vincent de Paul: entretiens aux missionnaires*. Tome XI, p. XL- 1. Disponível em [cmission.fr/index/php/medias/](http://cmission.fr/index/php/medias/). Acesso em 2017.
- COUTO, Pe M. G. *Missão Abreviada*. 6 ed. Porto: Typographia Sebastião Pereira. 1868.
- CUNHA, E. *Os Sertões: a campanha de Canudos*. 38 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1997.
- D’EVREUX, Y. *História das coisas mais memoráveis ocorridas no Maranhão em 1613 e 1614*. p. 332, Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.
- FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations). *Indice de la faim dans le monde: conflits armés et le défi de la faim*. Bruxelles: 2015.
- GALVÃO, W. N.; PERES, F. R. *O Breviário de Antonio Conselheiro*. Salvador: EDUFBA, 2002.

- GERSEN, J. *De Imitatione Christi*. Abbatis Versellensis, 1646. Disponível em <http://latinlibrary.com>. Acesso em 2017.
- GUYTON, A. C.; HALL, J. E. *Tratado de Fisiologia Médica*. 13 ed. São Paulo: Elsevier, 2017.
- LLOSA, M. V. *A Guerra do Fim do Mundo*. São Paulo: Alfaguarra; 2008.
- LOPES FILHO, J. D. *O Beribéri no Caraça*. Tese de Doutorado da Universidade São Paulo (USP). São Paulo, 1998.
- MACHADO, J. M. *Educação física, moral e intelectual da mocidade do Rio de Janeiro e sua influência sobre a saúde*. These de Doutorado apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. De G Leuzinger e filhos, 1875.
- MAGALHÃES, S. M. *Beribéri: doença misteriosa do Brasil oitocentista*. História UniSinos. 18 (1): 158-169; 2014.
- MAHAN, L. K.; ESCOTT-STUMP, S.; RAYMOND, J. L. *Alimentos, Nutrição e Dietoterapia*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2013.
- MILTON, A. *A Guerra de Canudos*. 7 ed. Brasília: Editora do Congresso Nacional; 2003.
- MOSTEIRO DE SANTO ANTÔNIO. *História do Mosteiro de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. Disponível em [santoantoniorj.org](http://santoantoniorj.org). Acesso em 2017.
- NOVAIS, F.; MELLO E SOUZA, L. *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- OLIVEIRA, J. L. *Xavier e o Caraça*. Belo Horizonte: O Lutador, 1987.
- SARMENTO, Pe F. J. M. *Horas Marianas ou Ofício Menor da SS. Virgem Maria*. Lisboa: Officio Uno. 31ª impressão, 1804.
- VASCONCELOS, P. L. *Antônio Conselheiro por ele mesmo: Apontamentos dos preceitos da divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*. São Paulo: É realizações; 2017.